

Rolar os juros pode ser saída para o País

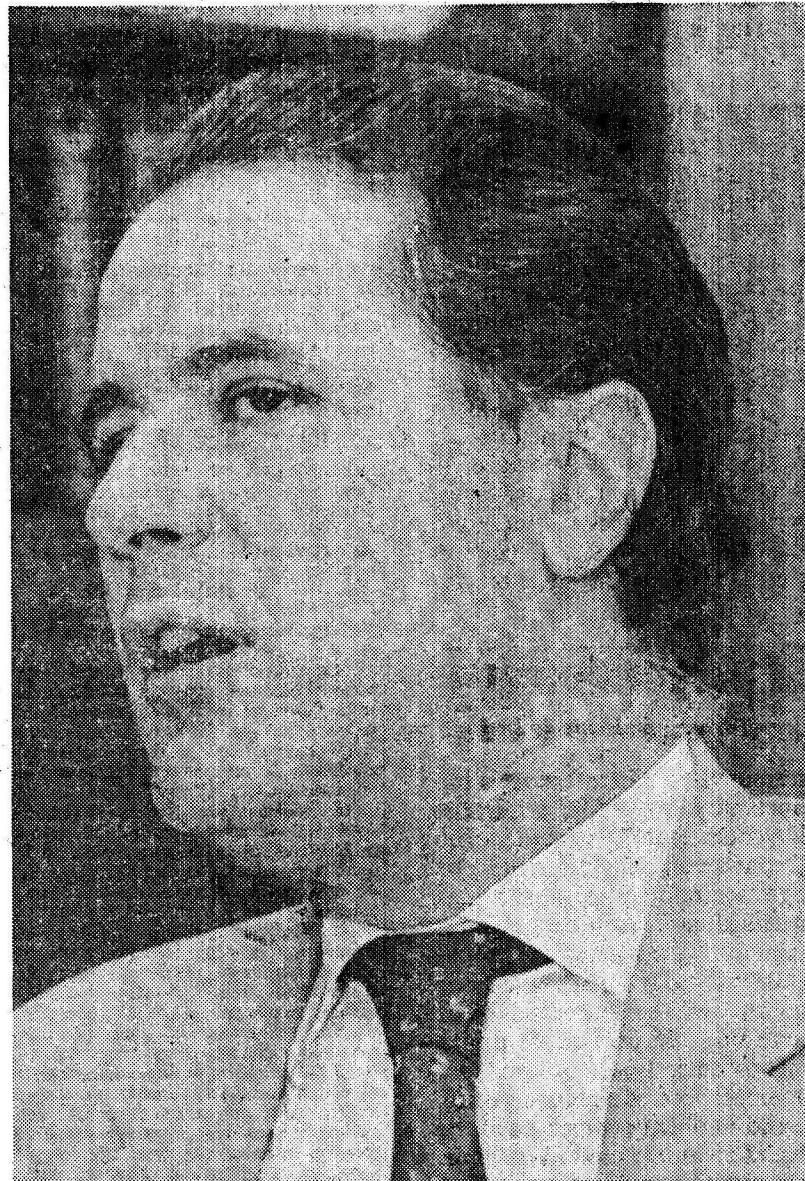
ESTADO DE SÃO PAULO

Pressionados por seus acionistas, credores vêem a alternativa como viável no momento

RÉGIS NETROVSKI
Especial para O Estado

NOVA YORK — Em inglês, roll over quer dizer rolar. Na linguagem técnica dos banqueiros, isso significa rolagem ou adiamento do pagamento de juros. Geralmente se faz por um prazo de 90 dias e já foi realizado no passado em vários casos, incluindo o Brasil. Este é o principal tópico na mesa de negociação hoje à tarde, em Nova York, na reunião entre o secretário para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da Área Externa do Banco Central, Arnim Lore, com os banqueiros credores do comitê de assessoramento da dívida externa, chefiado por William R. Rhode, do Citibank, o principal credor do Brasil.

Os banqueiros não têm esperanças de receber o total de US\$ 2,3 bilhões previstos para setembro. Mas, segundo eles, isso já era esperado. Eles gostariam, todavia, de receber uma espécie de vale, para mostrar resultados aos seus acionistas — que já estão ficando pessimistas quanto ao Brasil em particular. O roll over não constitui moratória e poderia ser conseguido, já que mesmo os juros pagos pelo Brasil até julho não foram contabilizados pelos bancos, e, no caso deste adiamento, isso não representaria perda para eles, porque desde 1987 houve um grande aumento nas reservas das instituições financeiras internacionais, para prevenir exatamente esse tipo de situação que o Brasil apresenta no momento, não querendo baixar suas reservas com pagamentos de juros antes das eleições presidenciais de novembro. Outro fator positivo para o lado brasileiro foi o lançamento, semana passada, de US\$ 1,1 bilhão em exit bonds (bônus de saída) para aqueles bancos regionais que querem sair da operação Brasil. O fato foi visto como um



Ricardo Chaves/AE-28/2/88

Amaral tentará a rolagem, uma opção de caráter provisório

cumprimento pelo Brasil de parte dos requisitos acertados com os bancos há um ano com base no acordo de setembro do ano passado. Todavia, os requisitos de ajuste econômico jamais foram cumpridos pelo governo brasileiro, razão pela qual o País não tem atualmente um acordo com o FMI.

A situação brasileira tem sido motivo de atenção no mercado secundário de dívida, de acordo com a Corretora Dillon Read. O preço dos títulos brasileiros está em 31% ou 32% do seu valor de face, com grande antecipação no mercado de que o Brasil não irá pagar os US\$ 2,3 bilhões. Is-

so, mais as eleições, está fazendo pressão de baixa para os papéis brasileiros, que deverão cair mais nas próximas semanas. A Dillon Read revela também que "os bancos ingleses aumentarão suas reservas em relação a empréstimos feitos aos países em desenvolvimento em até 50% do valor dos empréstimos. Bancos em outros países seguirão os ingleses. Como resultado, pedidos futuros para dinheiro novo serão ignorados pelos banqueiros, ao mesmo tempo em que uma nova onda de venda dos títulos latinos aumentará por parte dos credores no último trimestre, tentando reduzir o risco dos banqueiros na América Latina".